

# PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E DE FORMAÇÃO DE ENFERMEIRAS AUDITORAS NO VALE DO PARAÍBA PAULISTA

## SOCIODEMOGRAPHIC AND TRAINING PROFILE OF AUDITORS IN VALE DO PARAÍBA PAULISTA

Magali Beatris da Silva Monteiro 1  
Maria Angela Boccara de Paula 2

**Resumo:** Este artigo objetivou conhecer o perfil sociodemográfico de um grupo de enfermeiras auditoras que atuavam no Vale do Paraíba Paulista. Trata-se de um estudo a partir de uma pesquisa biográfica-narrativa de dissertação de mestrado, com abordagem qualitativa. Nesta pesquisa observou-se que o grupo de pesquisa foi constituído predominantemente por participantes do sexo feminino, com idade entre 31 e 54 anos, que iniciaram suas atividades na área da Enfermagem ainda jovens, em média aos 19,3 anos, sendo três como técnicas de enfermagem. Todas com vida pessoal estável e quanto a profissional eram pós-graduadas em na modalidade Lato Sensu, em diferentes áreas da Enfermagem, e atuavam principalmente em instituições privadas. O perfil profissional mostrou-se importante para ampliar a compreensão da trajetória dessas profissionais na Enfermagem, no sentido de contribuir para a construção da identidade profissional, para o conhecimento das atividades da Auditoria de Enfermagem e para o aprimoramento técnico e científico da profissão

**Palavras-chave:** Enfermeira. Auditoria de enfermagem. Perfil Profissional. Desenvolvimento humano.

**Abstract:** This article aimed to understand the sociodemographic profile of a group of auditor nurses who worked in Vale do Paraíba Paulista. This is a study based on biographical-narrative research from a master's thesis, with a qualitative approach. In this research, it was observed that the research group was predominantly made up of female participants, aged between 31 and 54 years old, who began their activities in the field of Nursing at a young age, on average at 19.3 years old, three of them as technical of nursing. All of them with stable personal and professional lives had postgraduate degrees in the Lato Sensu modality, in different areas of Nursing, and worked mainly in private institutions. The professional profile proved to be important to expand the understanding of the trajectory of these professionals in Nursing, in order to contribute to the construction of professional identity, to the knowledge of Nursing Audit activities and to the technical and scientific improvement of the profession.

**Keywords:** Nurse. Nursing audit. Professional Profile. Human development.

- 1 Mestre em Desenvolvimento Humano pela Universidade de Taubaté (UNITAU), Graduada em Enfermagem pelo Centro Universitário Teresa D'Ávila (UNIFATEA). Atualmente é professora na Universidade do Planalto (UNIPLAN) - Guaratinguetá. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2425684671672538>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4770-8922>. E-mail: [magali\\_beatris@yahoo.com.br](mailto:magali_beatris@yahoo.com.br).
- 2 Doutora e Mestre em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), Professor Assistente Doutor do Departamento de Enfermagem e Nutrição da Universidade de Taubaté (UNITAU). Docente do Programa de Mestrado em Educação e Desenvolvimento Humano (Strictu Sensu) da UNITAU. Membro Titular Emérito da Associação Brasileira de Estomaterapia SOBEST (TISOBEST). Editor da Revista Estima e Brazilian Journal of Enterostomal Therapys. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7997542868354575>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7438-9595>. E-mail: [boccaradepaula@gmail.com](mailto:boccaradepaula@gmail.com).

## Introdução

A Enfermagem concentra o maior contingente de profissionais na área da saúde. Na pesquisa inédita realizada pelo Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) no ano de 2013, em parceria com Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), visando a caracterização do perfil da equipe de enfermagem no Brasil a partir de um estudo transversal realizado com enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem, evidenciou a totalização de mais de 1,8 milhão de profissionais. Contudo, desses profissionais somente 20% da população é constituída por profissionais enfermeiros (SILVA; MACHADO, 2013; MACHADO; VIEIRA; OLIVEIRA, 2012).

Dentre esses profissionais, o Enfermeiro Auditor (EA) tem se destacado no campo da saúde em virtude do constate crescimento e desenvolvimento tecnológico dos serviços de saúde. Com isso, a Auditoria de Enfermagem (AE) tornou-se essencial para qualificar e controlar os custos operacionais relacionadas à assistência (CLAUDINO, 2013). A isso se deve os sistemas de saúde públicos e privados terem sofrido intervenções nos processos de gerenciamento, com o objetivo de aprimorar os métodos de gestão das instituições de saúde e para promover participação coletiva, visto o aperfeiçoamento profissional influenciar diretamente no controle financeiro, a partir da redução dos gastos hospitalares (COSTA; FOSSATTI, 2015).

No entanto, apenas em 2001 o COFEN com base na Resolução 266/2001, regulamentou as práticas do EA e restringiu a este profissional as atividades específicas da especialidade (COFEN, 2001). Segundo os dados apresentados pela pesquisa “Perfil da Enfermagem no Brasil”, apenas 2,2% dos enfermeiros atuavam na área de gestão e / ou auditoria (SILVA; MACHADO, 2013).

Diante disso, considerando a importância de caracterizar o perfil sociodemográfico do EA, no sentido de contribuir para a construção da identidade profissional, para as atividades da AE, para o aprimoramento da rotina de trabalho, e para as políticas públicas e educação permanente quanto à importância da especialidade para o Sistema de Saúde Brasileiro, objetivou-se conhecer o perfil sociodemográfico de enfermeiras auditoras (EAs) que atuavam no Vale do Paraíba Paulista.

## Metodologia

Este estudo originou-se a partir de uma pesquisa biográfica-narrativa, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Taubaté (UNITAU), conforme parecer número 2.975.245, de 22 de Outubro de 2018, com abordagem qualitativa, realizada em duas sub-regiões do Vale do Paraíba Paulista, que dispunham de 27 instituições de saúde, de caráter público e privado, mas somente nove tinham EA em seu quadro profissional.

Participaram da pesquisa oito enfermeiras auditoras, que atuavam em instituições pública e privada no Vale do Paraíba Paulista, selecionadas pela formação acadêmica na modalidade Pós-graduação *Lato Sensu* em AE e tempo mínimo de um ano de experiência, entendido como período necessário para a compreensão da atividade.

Para a construção da (auto)biografia utilizou-se um formulário sociodemográfico e de formação da participante, e a entrevista biográfica, realizada em três momentos. O primeiro se constituiu da livre narrativa da participante idealizada por meio da seguinte questão desencadeadora: “Considerando que o processo de formação do enfermeiro constitui-se essencialmente para a prática assistencialista, como aconteceu sua trajetória profissional na AE?”.

A partir da análise das narrativas, os dados (auto)biográficos foram organizados em sínteses esquemáticas – Biogramas (BOLÍVAR, 2002; SÁ; ALMEIDA, 2004), nos quais os incidentes críticos, na percepção da pesquisadora, foram apresentados as participantes no segundo momento da entrevista, denominado entrevista devolutiva.

A entrevista devolutiva permitiu a cada entrevistada confirmar, corrigir ou refutar os resultados apresentados e possibilitou a pesquisadora realizar a abordagem em profundidade de questões que ainda precisavam ser detalhadas. O terceiro momento da entrevista foi necessário para os últimos esclarecimentos de algumas informações e fatos relatados anteriormente pelas entrevistadas, com o objetivo de finalizar a confecção do Biograma final, no sentido de contribuir para a construção do saber biográfico, que se faz de modo conjunto e colaborativo, pesquisador-

pesquisado (DELORY-MOMBERGER, 2016).

Desse modo, a coleta de dados foi realizada no período de fevereiro a setembro de 2019 e os resultados desse estudo são apresentados em sequência.

## Resultados

A AE constitui uma recente área de formação no campo da saúde. Assim, buscar a compreensão das experiências vividas pelas enfermeiras auditoras e as escolhas que as influenciaram em seus percursos até chegarem à atual formação acadêmica, mostra-se de singular importância para a construção do conhecimento sobre a área, e principalmente, para o entendimento de que a carreira é um processo de desenvolvimento pautado, tanto em eventos relacionados à dimensão profissional, como na própria dimensão pessoal (BOLÍVAR, 2002).

A escolha da Enfermagem como profissão foi um incidente crítico nas trajetórias profissionais das participantes, como pode ser observado no Quadro 1. Por volta dos 19,3 anos de idade, em média, iniciaram suas atividades profissionais na área, marcando suas vidas, como o início de um período de intenso crescimento e desenvolvimento pessoal e profissional. Para Florence, Dorothea, Ana, Olga e Wanda, a escolha profissional ocorreu quando ingressaram no curso de nível superior em Enfermagem. Para as EAs Maria Rosa, Imogene e Marie a escolha profissional ocorreu quando iniciaram o curso técnico de enfermagem, sendo confirmada, posteriormente, ao ingressarem na graduação em Enfermagem.

**Quadro 1.** Superposição do Biograma: Início da trajetória profissional e a escolha pela Enfermagem

Nome fictício	Cronologia	Idade Vital	Idade Profissional	Acontecimento / Incidentes Críticos	Sentido atribuído
Florence	1984 a 1987	19 a 22	0	Escolhe a profissão Enfermagem	Sente-se frustrada com a decisão do pai de não deixá-la fazer medicina veterinária e precisa redimensionar sua escolha profissional.
Maria Rosa	1996 a 1997	20 a 21	0	Opta por fazer o curso técnico de enfermagem	Sente que precisava arriscar e aproveitar a oportunidade de ter uma profissão.
Dorothea	1999 a 2002	20 a 23	0	Passa no vestibular para a área da Enfermagem	Apesar de não ser sua primeira opção, decide seguir carreira na profissão.
Ana	2003	15	0	Sofre um acidente que a faz precisar de cuidados por tempo prolongado, e por isso escolhe ser enfermeira	Diante de todo sofrimento, identifica-se com a profissão e decide cuidar de outras pessoas.
Olga	2005	20	0	As dificuldades financeiras a faz escolher fazer Enfermagem	A escolha de seguir carreira como enfermeira a colocaria mais próxima da área da medicina.

Wanda	2003	22	0	Escolhe fazer faculdade de Enfermagem	Decide fazer o curso, identifica-se e segue carreira na profissão.
Imogene	1996 a 1997	19 a 20	0	Escolhe fazer o curso técnico de enfermagem	Sente que, por falta de afinidade com outras áreas, deveria arriscar e conhecer a área de Enfermagem, e identifica-se, seguindo carreira profissional.
Marie	2000 a 2002	18 a 20	0	Desiste de atuar na área da educação e escolhe fazer o curso técnico de Enfermagem	Decepciona-se com a saturação de profissionais na área do magistério e, por influência da mãe, opta por investir na profissão de Enfermagem, pois já tinha cuidado da avó e de outros familiares.

**Fonte:** Elaborado pelas autoras (2019).

A escolha profissional nem sempre é fácil e abarca uma série de questionamentos até a definição do caminho profissional a ser seguido (NEPOMUCENO; WITTER, 2010; BOHOSLAVSKY, 2015). Mudanças de planos também devem ser considerados, como aqueles vivido pelas participantes, pois exemplifica como eventos críticos e inusitados podem surgir e impor novas direções, exigindo adaptações e redimensionamento, tanto no aspecto pessoal como profissional, por parte do indivíduo para que possa superar eventos anteriormente não planejados, mas que influenciam e alteraram o curso da vida (WOODS, 1993, apud ALMEIDA, 2009).

O perfil sociodemográfico das participantes foi elaborado por meio dos dados produzidos no quadro de formação acadêmica, mediante as particularidades, semelhanças e diferenças, que possibilitaram a produção de conhecimento sobre o grupo, a partir de sua composição e suas formações.

No sentido de proporcionar maior proximidade e contextualização com os dados encontrados, primeiramente foi elaborado o Quadro 2, para apresentação das participantes, por meio de nomes fictícios, com dados referentes a idade, estado civil, tempo de formação como enfermeiro, tempo de atuação como EA, local da pós-graduação em AE, outras pós-graduações, atuação em outra categoria da enfermagem, carga horária de trabalho, tipo de instituição em que atua e outro vínculo empregatício.

**Quadro 2.** População do estudo de acordo com o perfil sociodemográfico (N = 8)

Nome Fictício	Idade	Estado Civil	Tempo formação na Enfermagem	Tempo de atuação EA (Anos)	Local Pós-graduação em AE (Instituição)	Outras Pós-graduações	Atuação em outra categoria da enfermagem	Carga horária de trabalho	Tipo de instituição em que atua	Outro vínculo de trabalho	Sexo
Florence	54	Casada	31	15	Particular	UTI		40	Operadora de Saúde	N	F
Maria Rosa	43	Solteira	13	9	Particular	Didática de Ensino Superior	Técnico de Enfermagem	40	Operadora de Saúde	N	F
Dorothea	40	Casada	16	9	Particular	Enfermagem em Emergência / UTI / Cuidados Intensivos		30	Autogestão Pública	N	F
Ana	31	Casada	6	4	Particular	Emergência / UTI		40	Autogestão Privada	N	F
Olga	33	Casada	10	6	Particular	Programa da Saúde da Família e MBA Acreditação em Saúde Pública		30	Autogestão Pública	N	F
Wanda	38	Divorciada	16	3,6	Particular	Nefrologia		-	-	N	F
Imogene	41	Casada	11	9	Particular		Técnico de Enfermagem	40	Operadora de Saúde	N	F
Marie	37	Divorciada	12	3	Pública	Administração Hospitalar, Cuidados Críticos / Cardiologia e Gestão em Saúde	Técnico de Enfermagem	44	Hospital Público	N	F

**Fonte:** Elaborado pelas autoras (2019).

Os dados mostraram que a faixa etária das EAs variou de 31 anos a cinquenta e 54 anos, com média etária de 39,6 anos. Quanto ao gênero, a predominância de profissionais do sexo feminino foi de 100%, dado este que vem ao encontro dos resultados apresentados em outros estudos, em que os autores identificaram as mulheres como a maioria na profissão de Enfermagem (SOUZA, 2015).

A feminilização na Enfermagem brasileira é uma realidade, que pode ser observada nos diferentes níveis de qualificação da profissão (LOPES; LEAL, 2005). O cenário do perfil da Enfermagem brasileira, constituído em sua maioria pelo sexo feminino, está em processo de mudança, de maneira que o sexo masculino se faz cada vez mais presente na prática do cuidado, devido ao aumento do ingresso de homens nos cursos universitários de Enfermagem (MACHADO; VIEIRA e OLIVEIRA, 2012).

Em relação ao estado civil, os dados mostraram que cinco profissionais eram casadas, duas divorciadas, e uma solteira. Estes resultados vão ao encontro de estudos que também identificaram que os profissionais buscam constituir família como sistema de proteção e defesa, em auxílio à manutenção e preservação do equilíbrio da saúde (HILLESHEIN; LAUTERT, 2012).

Nessa perspectiva, a mulher contemporânea também busca realização pessoal por meio da carreira profissional, sem deixar de lado as relações estabelecidas no âmbito privado, mas considerando que ter uma profissão significa a conquista de sua independência financeira, autonomia pessoal, liberdade e segurança para tomar decisões sobre sua própria vida, e, por isso, pode assumir papéis familiares diferentes dos tradicionais (BORGES, 2013).

A população desse estudo apresenta-se com tempo de formação na área da Enfermagem entre seis a 31 anos e atuação como EA respectivamente de três a 15 anos, com média de 7,3 anos, o que mostrou que em geral tiveram que adquirir experiência profissional para atuar como EA e se manter no competitivo mercado de trabalho. Os dados encontrados também mostraram que a população de EA estava no meio do ciclo da vida profissional (Quadro 3), período caracterizado por Huberman (1995) pela busca de estabilização no emprego e no grupo de pertencimento profissional, diversificação ou experimentação de outras atividades ou em momento de questionamento do sentido atribuído à carreira, colocando em xeque a profissão.

**Quadro 3.** Distribuição de EA de acordo com a fase da carreira profissional (N = 8)

Fase da Carreira	Nome fictício	Idade	Tempo formação (Enfermeiro)	Tempo de atuação EA (Anos)	Pós-graduação na área
Meio	Florence	54	31	15	Enfermeira, Especialista em UTI
	Maria Rosa	43	13	9	Enfermeira, Especialista em Didática de Ensino Superior
	Dorothea	40	16	9	Enfermeira, Especialista em Emergência / UTI / Cuidados Intensivos
	Ana	31	6	4	Enfermeira, Especialista em UTI / Emergência
	Olga	33	10	6	Enfermeira, Especialista em MBA em Acreditação em Saúde Pública e Programa da Saúde da Família
	Wanda	38	16	3,6	Enfermeira, Especialista em Nefrologia
	Imogene	41	11	9	Enfermeira, Especialista em AE
	Marie	37	12	3	Enfermeira, Especialista em Administração Hospitalar, Cuidados Críticos / Cardiologia e Gestão em Saúde

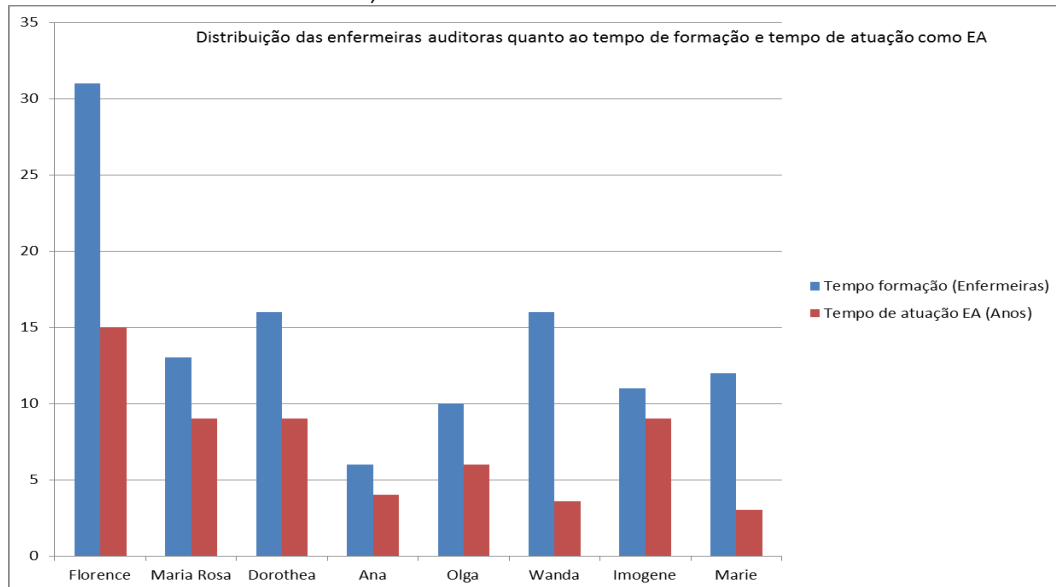
**Fonte:** Elaborado pelas autoras (2019).

Gonçalves (2009), por sua vez, em seu estudo com referência nos trabalhos de Huberman (1989), descreve o fim de carreira profissional de seus pesquisados o período compreendido entre 23 a 31 anos de serviço, caracterizado pelo desejo de renovação do interesse pelo trabalho realizado ou desencanto e desinvestimento na profissão, indo de encontro ao discurso biográfico da participante Florence, ao narrar o desejo por desenvolver novos projetos na AE mesmo na aposentadoria.

Em comparação ao tempo de formação na Enfermagem e o tempo de atuação como EA, os dados mostraram que duas profissionais, Ana e Imogene, se direcionaram para a área de AE logo no início da carreira profissional, nos primeiros dois anos, em relação as demais que levaram em média 8,5 anos para iniciar nas atividades como EA, como pode-se observar no gráfico 1. O início da carreira docente compreende os primeiros dois (2) a três (3) anos da profissão, caracterizado por um ciclo de confrontação da realidade profissional e teste da capacidade de sobrevivência do indivíduo. Entretanto, também caracteriza-se como um período de descoberta profissional, pois

abarca um intenso processo de formação e satisfação pela responsabilidade assumida em um determinado grupo de pertença (HUBERMAN, 1995).

**Gráfico 1.** Distribuição dos profissionais quanto ao tempo de formação e tempo de atuação como EA. Vale do Paraíba Paulista, 2019



**Fonte:** Elaborado pelas autoras (2019).

Neste contexto, em resposta as experiências vividas e visando atender projetos pessoais e profissionais, o indivíduo pode modificar sua história e se reinventar ao longo do processo de sua construção identitária, na busca por realização pessoal e profissional (COUTINHO; KRAWULSKI; SOARES, 2007). Isso vai de encontro ao percurso profissional das EAs, principalmente para Ana que decidiu trabalhar na AE nos primeiros dois anos de atuação como enfermeira assistencial, e Imogene que optou pela AE ainda nos primeiros anos como enfermeira assistencial após atuar como técnica de enfermagem no início da vida profissional, mostrando que escolheram descobrir novas oportunidades no campo da Enfermagem e consolidar a identidade profissional.

A construção da identidade profissional da enfermeira é um processo dinâmico e progressivo, com idas e vindas. Ao interagir com diferentes grupos sociais e pessoas, e sob influências política-culturais, ele identifica-se e pode assumir identidades singulares e coletivas, antes, durante ou após o período de formação (GONÇALVES, 2009). Assim, o ingresso no início da carreira profissional em uma especialidade como a AE, ainda pouco explorada na área da saúde, trouxe realização e satisfação para as enfermeiras, que assumiram responsabilidades diferentes daquelas que tinham na assistência direta, que gerou satisfação, reconhecimento social e valorização profissional, que o EA pode conquistar ao longo de sua carreira (GENTIL, 2009).

Em relação ao local em que realizaram a pós-graduação em AE, os dados mostraram que, em sua maioria, ocorreram em instituições privadas, localizadas na região Sudeste do Brasil, sobretudo nos municípios do Vale do Paraíba Paulista, São Paulo e Rio de Janeiro, todas atuando desde então como EA. Essa condição é justificada pela maior demanda de instituições formadoras na região Sudeste, apresentada em estudo sobre o panorama da educação em enfermagem no país em nível de graduação e pós-graduação (ERDMANN; FERNANDES e TEIXEIRA, 2008).

Isso também se deve ao fato de que a região Sudeste concentrava 40,4% dos profissionais de enfermagem do Brasil, principalmente nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, além de, dispor de maior capacidade de empregabilidade (MACHADO *et al.*, 2016), caracterizando-se como campo fértil para a oferta de trabalho e formação acadêmica dos enfermeiros.

Com relação ao nível de formação acadêmica, todas eram pós-graduadas em nível *Latu Sensu*, com especialização em diferentes áreas da Enfermagem, além da AE, como em Administração Hospitalar, Cardiologia, Didática do Ensino Superior, Emergência, Gestão em Saúde,

MBA em Acreditação em Saúde Pública, Nefrologia, Programa da Saúde da Família e UTI. Somente uma EA especializou-se apenas em AE em relação aos demais. Todas EAs possuíam somente curso de especialização em alguma área da Enfermagem, com destaque para uma (12,5%) EA que se especializou somente em AE, sendo que entre as demais uma (12,5%) tinha quatro cursos; uma (12,5%), três cursos; e cinco (62,5%), um curso.

Estudos apontam que profissionais da enfermagem buscam cada vez mais capacitação e qualificação, para a construção de conhecimentos científicos necessários à prática e para atender as demandas frequentemente complexas e inovadoras do setor de saúde, atribuindo a esses, maior confiabilidade e destaque profissional (HILLESHEIN; LAUTERT, 2012). Porém, questiona-se se várias especializações contribuem para agregar conhecimentos ou pouco definem as trajetórias dos enfermeiros.

Em contraposição, a EA Imogene especializou-se apenas em AE, o que pode levar à inferência de que a escolha da carreira foi definida nos primeiros anos dessa prática e que o curso lhe trouxe qualificação, contribuindo para que desenvolvesse competências e habilidades para tal atividade. Isso porque a escolha da carreira profissional é um momento da trajetória social que pode ser definida no convívio familiar ou escolar e se estender ao longo da vida, a partir de influências ocasionadas por mudanças de papéis, sociais e profissionais, ou por grandes rupturas biográficas, que podem condicionar indivíduos a novas experiências socializadoras e de ressocialização (LAHIRE, 2015).

Dentre as instituições de saúde nas quais o grupo desenvolvia suas atividades, três (37,5%) profissionais atuavam em operadoras de saúde, uma (12,5%) na modalidade de autogestão privada, duas (25%) na modalidade de autogestão pública, uma (12,5%) EA em hospital público e uma (12,5%) desempregada até o momento da entrevista, mas que atuava em instituição privada. Observa-se neste estudo maior predominância (87,5%) de atuação das EAs em operadoras de saúde e autogestão, pública e privada. A esse fato pode-se atribuir o constante desenvolvimento do setor privado Sistema de Saúde, que fez com que a AE se tornasse uma ferramenta de gestão eficaz e necessária no sentido de assegurar conformidade, controle e qualidade relacionada à assistência, atividades comuns nas operadoras e planos de saúde e autogestão (ADAMI; MARANHÃO, 1995). Em contraposição, a condição de desemprego vivida pela EA Wanda, supostamente se relaciona ao momento econômico e financeiro do Brasil, que submete muitos trabalhadores a esta situação (MACHADO; VIEIRA e OLIVEIRA, 2012).

Em relação à carga horária de trabalho as EAs realizavam entre 30 a 44 horas semanais. Duas (25%) profissionais da autogestão pública realizavam 30 horas semanais, quatro (50%) que atuavam na autogestão privada e operadoras de saúde, faziam 40 horas semanais, enquanto uma EA (12,5%) de hospital público, 44 horas semanais. Destaca-se que, nenhum dos profissionais tinha outro vínculo empregatício.

O trabalho na AE é realizado em horário administrativo, em média de 30 a 40 horas semanal, carga horária que comparada ao enfermeiro assistencialista é mais atrativa, uma vez que na assistência o profissional enfrenta dificuldades relacionadas a exaustivas horas de trabalho em regimes de escala de serviços com plantões aos finais de semana e feriados (SOUZA, 2015). Por isso, conclui-se que a AE pode subsidiar melhor qualidade de vida para os profissionais enfermeiros, uma vez que possibilita atuar em horário administrativo e em dias úteis (PINTO; MELO, 2010).

Entre as EAs do grupo, três (37,5%) profissionais são as únicas responsáveis pela realização da AE das instituições onde trabalham em relação a quatro (50%) EAs que podem dividir o trabalho nas empresas contratantes, o que vem caracterizar importante demanda de atividade diária, uma vez que, somente eles podem executar tal função. Isso porque para o COFEN profissionais de nível médio, auxiliar ou técnico de enfermagem não estão habilitados para a prática da AE, sendo esta atividade privativa do EA, pois é o profissional com conhecimento técnico e científico para análise de condições que exige julgamento e tomada de decisões (COFEN, 2001).

Os enfermeiros auditores são profissionais frequentemente submetidos à rotina de intensa produtividade, com metas e projetos institucionais que precisam ser atingidos em curto espaço de tempo, visando lucratividade com menor gasto. Por isso, estão sujeitos às doenças físicas e mentais, como estresse psicológico e Síndrome de Burnout, doença comum nos profissionais da área da saúde nos últimos tempos (BARRETO, M.; HELOANI, 2014). Desse modo, é possível dizer que o



único vínculo empregatício das EAs do grupo poderia estar associado tanto ao estresse do trabalho como a satisfação salarial, vez que mencionaram não só o cumprimento de tarefas organizacionais como ter obtido melhores salários na área da AE.

Insta salientar que três (37,5%) EA (Imogene, Maria Rosa e Marie) atuaram em outra categoria da Enfermagem como técnicas de enfermagem, sendo esta experiência o início de suas atividades na profissão. O curso técnico de enfermagem tem grande importância no percurso histórico da profissão, ainda que inicialmente tenha sido idealizado com finalidade de capacitar indivíduos para desempenharem atividades de cuidado e bem-estar a paciente com diferentes doenças contagiosas, na simples condição de meros executores. O baixo grau de instrução os colocava apenas como executores das tarefas determinadas pela classe médica, responsável por ensinar o trabalho a ser realizado, como também, detentores do saber e das intervenções em saúde (GALLEGUILLLOS; OLIVEIRA, 2001).

O caminho percorrido pela Enfermagem fez mudar o cenário anteriormente conduzido pela classe médica, subsidiando melhores condições de ensino e aprendizagem. No Brasil havia aproximadamente 4.812 escolas de enfermagem, na qual se conclui que são profissionais que buscaram ser mais que meros executores de tarefas médicas, com o total de 95.013 técnicos de enfermagem, 71.172 auxiliares de enfermagem e 28.903 enfermeiros de nível superior (PAVA; NEVES, 2011).

O número de técnicos de enfermagem era superior ao de auxiliares e enfermeiros, o que faz refletir sobre o caminho utilizado pelo profissional de enfermagem para entrada e desenvolvimento na profissão, confirmada por pesquisa que mostrou que dentre mais de 130 mil enfermeiros que tinham o curso técnico ou auxiliar de enfermagem, 86,1% já haviam exercido a função antes da graduação. Isso confirmou a ideia de que a vivência de trabalho é relevante para o fazer profissional na Enfermagem e a entrada na profissão para muitos enfermeiros.

Assim, as trajetórias profissionais das EAs foram marcadas pela formação de nível superior e por denso aperfeiçoamento técnico. Destaca-se também, que as experiências anteriores no mercado de trabalho repercutiram de forma importante na prática profissional como enfermeiras assistenciais e EA.

As limitações do estudo estiveram relacionadas a dificuldade de agendamento das entrevistas com as EA, em virtude da rotina de trabalho das profissionais e no tempo disponível para os encontros, que impactou no atraso para o cumprimento do cronograma anteriormente estabelecido. O fato do grupo de participantes nesse estudo ser composto predominantemente por mulheres, também restringiu o conhecimento da participação masculina na AE.

A contribuição do estudo está na apresentação do perfil profissional de um grupo de enfermeiras responsáveis pela prática da AE, visto a especialidade estar em processo de construção, e assim também, a identidade profissional estar em formação. As informações mencionadas pelas participantes fomentam o conhecimento da profissão e o protagonismo dos enfermeiros envolvidos, na busca por práticas profissionais que promovam conscientização da importância da participação coletiva no processo de trabalho, metodologias pedagógicas que corroborem para o processo de formação na AE e para o ensino-aprendizagem na Enfermagem.

## Conclusão

A partir deste estudo, que teve como objetivo conhecer o perfil sociodemográfico de EAs que atuavam no Vale do Paraíba Paulista, pode-se concluir, da análise dos dados referentes ao perfil sociodemográfico e de formação, que o grupo foi constituído predominantemente pelo sexo feminino, mulheres relativamente jovens, com idade entre 31 e 54 anos e vida pessoal estável, sendo a maioria casada.

A escolha pela profissão Enfermagem ocorreu em média aos 19,3 anos de idade, constituindo um marco em suas histórias de vida. Para Florence, Dorothea, Ana, Olga e Wanda o ingresso na área se deu por meio do curso em nível superior em Enfermagem, e para Maria Rosa, Imogene e Marie ao iniciar o curso técnico de enfermagem.

O grupo constituiu-se especialmente por EAs especializadas, que se pós-graduaram, na modalidade *Lato Sensu*, em diferentes áreas da Enfermagem. Este dado chamou atenção pelo fato

de algumas profissionais terem apresentado mais de uma especialização, contribuindo para suas especialidades, embora se questione se várias especializações somente agregam diferentes conhecimentos ou realmente as tornam especialistas.

O processo de formação das EAs se desenvolveu mediante as funções realizadas em cada momento, que as condicionaram a realizar escolhas diante das vivências profissionais, buscando a preservação da qualidade de vida e o reconhecimento do trabalho realizado.

As EAs se fizeram mais presente em instituições privadas em relação às instituições públicas. Um dos fatores que contribuem para a absorção desses profissionais com maior ênfase no mercado privado da área da saúde está relacionado à visão administrativa e o gerenciamento da assistência prestada nas instituições, em razão do enfoque empresarial e mercadológico das operadoras de saúde e autogestão, pública e privada para as quais atuavam.

Insta salientar que, o número de enfermeiros auditores é baixo comparado ao número de instituições de saúde existentes nas regiões do Vale do Paraíba Paulista onde se desenvolveu a pesquisa. Desse modo, da inquietude de refletir sobre essa informação surgiu o seguinte questionamento: As instituições de saúde de modo geral conhecem o trabalho desenvolvido por um EA ou sabem o quanto esse profissional tem a contribuir para o crescimento e desenvolvimento institucional, no aspecto financeiro, mas principalmente, nos processos de qualidade dos serviços de saúde prestados?

Assim, investigar o perfil profissional das EAs mostrou-se particularmente relevante e necessário para ampliar a compreensão da trajetória desses profissionais na Enfermagem, contribuir para o aperfeiçoamento técnico e científico da AE, e, principalmente, promover discussões quanto ao processo de formação acadêmica e investigações no campo profissional do EA, por acreditar que este é o caminho para a consolidação da profissão no Brasil.

Diante disso, este estudo não objetivou encerrar as discussões sobre o tema, mas propor novas pesquisas no intuito de avançar discussões sobre o trabalho do EA em diferentes contextos no campo da saúde, e também, fortalecer o construto da identidade profissional.

## Referências

ADAMI, Nilce Piva; MARANHÃO, Amélia Maria Scarpa Albuquerque. Qualidade dos serviços de saúde: conceito e métodos avaliativos. **Acta Paulista Enfermagem**, v. 8, n. 4, p. 47 – 55, mai./dez., 1995.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. O incidente crítico na formação e pesquisa em educação. **Educação e Linguagem**, v. 12, n. 19, p. 181- 200, 2009.

BARRETO, Maria; HELOANI, Roberto. O assédio moral como instrumento de gerenciamento. *In*: MERLO, Álvaro Roberto Crespo; BOTTEGA, Carla Garcia; PEREZ, Karine Vanessa. **Atenção à saúde mental do trabalhador: sofrimento e transtornos relacionados ao trabalho**. Porto Alegre, Evangraf, p. 54-74, 2014. Disponível em: <https://redehumanizaus.net/87773-lancamento-do-livro-atencao-a-saude-mental-do-trabalhador-sofrimento-e-transtornos-psiquicos-relacionados-ao-trabalho/#comment-28328>. Acesso em: 12 mai. 2019.

BOLÍVAR, Antonio Botia. **Profissão Professor: o itinerário profissional e a construção da escola**. Bauru São Paulo: Edusc, 2002.

BORGES, Carolina de Campos. Mudanças nas trajetórias de vida e identidades de mulheres na contemporaneidade. **Psicologia em Estudo**, Universidade Estadual de Maringá, Brasil, v. 18, n. 1, jan.-mar., p. 71 – 81, 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287127997008>. Acesso em: 20 jun. 2019.

CLAUDINO, Hellen Gomes e; GOUVEIA, Eloise Maria de Lima; SANTOS, Sérgio Ribeiro dos; LOPES, Maria Emília Limeira. Auditoria em registros de enfermagem: Revisão Integrativa da Literatura. **Rev.**

**Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, 2013, jul/set; v. 21, n. 3, p. 397 – 402.

COUTINHO, Maria Chalfin; KRAWULSKI, Edite; SOARES, Dulce Helena Penna. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. spe, p. 29-37, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19nspe/v19nspea06.pdf>.

COSTA, Luciana Pertille da; FOSSATTI, Paulo. Capacitação do Enfermeiro Auditor na Gestão em Saúde: Importância e Realidade. **RAHIS**, v. 12, n. 2, 2015. Disponível em: <http://revistas.face.ufmg.br/index.php/rahis/article/viewFile/2414/1568>. Acesso em: 12 dez. 2017.

COFEN-CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Resolução COFEN n. 266/2001. **Aprova as atividades do enfermeiro auditor**. Disponível em: [http://www.cofen.gov.br/resoluo-cofen-2662001\\_4303.html](http://www.cofen.gov.br/resoluo-cofen-2662001_4303.html). Acesso em: 16 jan. 2018.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 01, p. 133-147, jan.-abr. 2016. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2526/1711>. Acesso em: 29 jun. 2018.

ERDMANN, Alacoque Lorenzinni; FERNANDES, Josicelia Dumêt; TEIXEIRA, Giselle Alves. Panorama da educação em enfermagem no Brasil: graduação e pós-graduação. **Enfermagem em Foco**, v. 2, p. 89-93, 2011. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/91>. Acesso em: 15 jun. 2019.

GALLEGUILLOS, Tatiana Gabriela Brassea; OLIVEIRA, Maria Amélia de Campos. A gênese e o desenvolvimento histórico do ensino de enfermagem no Brasil. **Revista Escola Enfermagem USP**, v. 35, n. 1, p. 80 - 87, mar., 2001.

GENTIL, Rosana Chami. O enfermeiro não faz marketing pessoal: a história explica por quê? **Revista Brasileira Enfermagem Brasília**, v. 62, n. 6, p. 916-918, nov.-dez. 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672009000600019](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672009000600019). Acesso em: 29 abr. 2018.

GONÇALVES, José Alberto. Desenvolvimento profissional e carreira docente — Fases da carreira, currículo e supervisão. **Revista de Ciências da Educação**, 08, p. 23-36, 2009. Disponível em: <http://sisifo.fpce.ul.pt>. Acesso em: 20 jun. 2019.

HILLESHEIN, Eunice Fabiani; LAUTERT, Liana. Capacidade para o trabalho, características sociodemográficas e laborais de enfermeiros de um hospital universitário. **Revista Latino-Americana de Enfermagem Ribeirão Preto**. São Paulo (SP), mai./jun., 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/rlae/v20n3/pt\\_a13v20n3.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v20n3/pt_a13v20n3.pdf). Acesso em: 02 jun. 2019.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, Antonio; HUBERMAN, Michael; GOODSON, Ivor F.; GONÇALVES, José Aberto M.; FONTOURA, Maria Madalena; BENERETZ, Miriam (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed, p. 31-61. Porto: Porto Editora, 1995.

LAHIRE, Bernard. A fabricação social dos indivíduos: quadros, modalidades, tempos e efeitos de socialização. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. spe, p. 1393-1404, dez., 2015.

LOPES, Marta Júlia Marques; LEAL, Sandra Maria Cezar. A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. **Caderno Pagu**, n. 24, p. 105-125 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a06>. Acesso em: 24 mai. 2018.

MACHADO, Maria Helena; VIEIRA, Ana Luiza Stiebler; OLIVEIRA, Elaine. Construindo o perfil da enfermagem. **Enfermagem Foco [Internet]**, v. 3, n. 3, p. 119 -222, 2012. Disponível em: <http://>

revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/294/156. Acesso em: 12 set. 2021. MACHADO, Maria Helena; FILHO, Wilson Aguiar; LACERDA, Wagner Ferraz de; OLIVEIRA, Eliane de; LEMOS, Waldirlando; WERMELINGER, Mônica; VIEIRA, Monica; SANTOS, Maria Ruth dos; SOUZA JUNIOR, Paulo Borges de; JUSTINO, Everson; BARBOSA, Cintia. Características gerais da Enfermagem: o perfil sócio demográfico. **Revista Enfermagem em Foco**, n. 7 (ESP): 09-14, 2016. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/686/296>. Acesso em: 20 mai. 2019.

NEPOMUCENO, Ricardo Ferreira; WITTER, Geraldina Porto. Influência da família na decisão profissional: opinião de adolescentes. **Psicologia Escolar Educacional**, São Paulo (SP), v. 14, n. 1, p. 15 - 22, set., 2010.

OLIVEIRA, Beatriz Guitton Renaud Baptista de. A passagem pelos espelhos: a construção da identidade profissional da enfermeira. **Texto Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 60-67, mar., 2006.

PAVA, Andrea Macêdo; NEVES, Eduardo Borba. A arte de ensinar enfermagem: uma história de sucesso. **Revista Brasileira Enfermagem**, Brasília, v. 64, n. 1, p. 145 – 151, jan.-fev., 2011.

PINTO, Karina Araújo; MELO, Cristina Maria Meira de. A Prática da Enfermeira em Auditoria em Saúde. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, v. 44, n. 3, p. 671 – 678, 2010. Disponível em: [www.ee.usp.br/reeusp/](http://www.ee.usp.br/reeusp/). Acesso em: 24 abr. 2018.

SÁ, Maria Auxiliadora **Ávila dos Santos**; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Devolutiva de entrevistas: o biograma na pesquisa em educação**. Psicologia da Educação, São Paulo, v. 19, 2ª sem., p. 185 – 192, 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n19/n19a10.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2018.

SILVA, Manoel Carlos Neri da; MACHADO, Maria Helena. **Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil**. COFEN/ FIO CRUZ, 2013. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/index.html>. Acesso em: 12 set. 2021.

SOUZA, Glaucio Jorge de. **Construção da identidade do enfermeiro: a experiência da profissionalização**. 2015. 244 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais) - Universidade de Taubaté, Taubaté, 2015.

Recebido em 15 de maio de 2022.

Aceito em 16 de maio de 2023.